

EXPOSIÇÕES

Sandra Santos

Os contornos ilimitados dos objectos

A inserção do objecto – artístico ou não – no espaço é fundamental para a sua valorização ou compreensão. Muitas vezes os espaços disponíveis não são os mais adequados ou eficazes; o ideal seria pensar cada objecto com relação ao espaço onde iria actuar. Em termos práticos tal ideia nem sempre, ou mesmo raramente, é realizável. A solução na maioria dos casos, é tentar adaptar o melhor possível o espaço aos objectos. Ou escolher os objectos em função do espaço.

Catarina Leitão e Rui Cambraia pensavam os objectos. Deram-lhes forma. E procuraram fazê-los "respirar" no espaço fornecido pela Galeria Arte Periférica.

A maquete para organização do espaço da exposição é divulgada no catálogo e está disponível na galeria. É uma das poucas ocasiões onde é possível desvendar e "entrar" dentro do esquema de montagem de uma exposição. O respeito pelas obras e pelo visitante, a quem é permitido uma leitura lógica e esteticamente eficaz da mostra, é, contudo, contrariado pelo pragmatismo comercial inevitável. A venda individual de determinadas peças, como os elementos integrantes da instalação e do conjunto de volumes, que formam um todo coerente e perdem muito da sua significação em separado, é disso exemplo.

Na instalação, Catarina Leitão nas peças do chão e Rui Cambraia nas de parede, criaram um jogo de correspondência ritmado e bem humorado. O espalhamento bidimensional do objecto, assim como a tentativa da sua representação tridimensional no papel, sugerem um universo de sobras e

decalques, simultaneamente tão próximo e tão distante do real. Os autores chamam-lhe uma exposição da memória, reflexo do tempo mediático entre o ver e o representar.

Tal como as figuras presas nas estacas metálicas demarcam uma área e nos obrigam a circular em torno dela, também o conjunto de volumes de Catarina Leitão se insurge no espaço. Os próprios materiais negam a condição bidimensional: o papel, a madeira, o zinco, o pano e o ferro, assumidos na sua verdade compositiva, sem plásticas de pintura ou "encobrimentos" ilusionistas, demarcam-se, criando uma original "assemblage".

Toda a exposição partilha este ideal de procura do original – pintura rupestre das Cinzas ao Sempre, de Rui Cambraia, uma apologia do ser: ser cinza, ser desenho infantil, ser máquina. A série Raízes, de Cambraia, confirma a sua origem urbana, metálica, saída dum ambiente industrial onde as tubagens mecânicas fazem o papel de veios condutores duma seiva outra, mais refinada.

Comemora desta forma a Arte Periférica o seu terceiro aniversário, editando conjuntamente uma serigrafia de Rui Serra, 1ª primeira versão de As Meninas, variação sobre o famoso quadro de Velasquez.

Como prenda de aniversário fica a sua participação no Art Junction 94, em Cannes, o Mercado Internacional de Arte Periférica, vocacionado para os países mediterrânicos, entre 2 e 6 de Junho.

Fica desde já anunciada a entrevista com o Pedro e a Anabela da Periférica, acerca deste encontro.

